

26

cadernos de teatro

SHAKESPEARE : QUATROCENTOS ANOS

**SUA ATUALIDADE : JOHANN DE MEESTER HANS SCHALLA PETER BROOK
EUGENIO GOMES OTTO M. CARPEAUX ANTONIO CALLADO**

IONESCO : COLÓQUIO DE TÓQUIO

O QUE VAMOS REPRESENTAR : AUTO DO JOVEM PIRAMO

O JOGO DE SÃO NICOLAU

MOVIMENTO TEATRAL

ralelo com as preocupações do mundo atual. A tarefa foi executada com uma apreciável dose de talento, de inteligência e de honestidade. Pode-se afirmar, sem dúvida, que Anouilh *amesquinhou* o modelo original, como também se poderá dizer, sem receio de cometer um sacrilégio, que o dramaturgo francês *humanizou* a obra clássica do teatro grego. As duas opiniões, aparentemente contraditórias, são, no fundo, coerentes: Anouilh *humanizou* *Antígona*, na medida em que criou personagens mais próximos da humanidade atual do que os de Sófocles; e, procedendo assim, *amesquinhou* a obra, na medida em que a humanidade atual é incomparavelmente mais mesquinha do que a que nos é apresentada nas tragédias gregas; sem mencionar o fato de que, afinal de contas, Sófocles é um gênio e Anouilh, apenas, um escritor talentoso e sensível!

Mas tentemos esquecer, por um instante, a *Antígona*, de Sófocles, e concentremo-nos na peça de Anouilh. Indiscutivelmente o texto possui uma carga emocional e intelectual capaz de prender o interesse da platéia e de comovê-la, é forçoso reconhecer, a bem da verdade, que a carga intelectual à qual aludimos não exige muito esforço do espectador médio e ao mesmo tempo faz com que ele se sinta inteligente. Quer-nos parecer que um dos maiores méritos do autor consiste em não ter tomado, no conflito que opõe os dois personagens principais e as idéias que eles representam, um partido arbitrário e fácil a favor do mais simpático; se *torcemos* por *Antígona*, se ela nos comove, nos inspira piedade e nos causa admiração pela pureza e pela força do seu inconformismo, não podendo odiar a Creon, mesmo quando *Antígona* o odeia, não podemos deixar de sentir nêla talvez o mais denso e rico de todos os personagens presentes, e de reconhecer que justamente nos seus momentos de *cozinheiro* é talvez ele quem escolhe o caminho mais árduo, ingrato e necessário.

Falou-se muito no simbolismo político de *Antígona* de Anouilh. Não acreditamos que o autor tivesse tido a intenção de simbolizar, com a sua obra, a luta política dos homens livres contra a ditadura, pois neste caso não teria emprestado a Creon argumentos tão fortes e respeitáveis, que não são, em absoluto, os argumentos convencionais das ditaduras. É normal, porém, que na França ocupada e sedenta de liberdade, a peça tenha suscitado, em 1942, uma interpretação semelhante. Para nós, o que está essencialmente em jogo na peça de Anouilh, é um angustiado protesto contra a incessante perda da pureza original que o simples fato de viver e de conviver traz em si; é a utilidade de um gesto aparentemente inútil, se esse gesto é a única expressão possível das nossas convicções; e é a cruel condição dos que detêm nas mãos o chamado *poder*, que não têm direito a esses gestos inúteis, enquanto que ao simples indivíduo é sempre concedido o *direito de dizer não*.



Outros sucessos de bilheteria neste primeiro semestre:

— OS DIREITOS DA MULHER, de Alfonso Paso. direção de Antonio de Cabo, com JARDEL FILHO, MARCIA DE WINDSOR, MARGARIDA REY, TEREZA RACHEL e SERGIO VIOTTI, entre outros, no Teatro Ginástico. Também há seis meses em cartaz.

— O CUNHADO DO EX-PRESIDENTE, de Aurimar Rocha, no Teatro de Bôlso. Direção do autor, que também está no elenco, assim como JORGE CHERQUES, ELOINA e José Maria Monteiro.

— TÔDA DONZELA TEM UM PAI QUE É UMA FERA, de Gláucio Gil, novamente sucesso no Teatro Santa Rosa. GLAUCIO GIL e VERA VIANA nos papéis de "fera" e "donzela" respectivamente e mais ADRIANO REYS.

— O HÓSPEDE INESPERADO, de Agatha Christie, produção de Reynaldo Loyo no Teatro da Praça. Direção de Gilberto Bréa. Elenco: ISABEL TEREZA, CARLOS ALBERTO, GLAUCE ROCHA, PAULO SERRADO, entre outros.

Foram todavia apenas dois os textos de categoria que o público carioca teve ensejo de ver encenados até agora nesta temporada:

O grupo Decisão de São Paulo apresentou no Teatro Nacional de Comédia a esplêndida pega de Harold Pinter: O INOPORTUNO (*The Caretaker*). O espetáculo, dirigido por Antonio Abujanra, teve acolhida desigual por parte da crítica carioca.

Também ANTIGONA, de Jean Anouilh, produção e direção de Antonio de Cabo no Teatro Jovem, foi recebida com restrições. Foi porém elogiadíssimo o desempenho de NATÁLIA TIMBERG, que volta aos palcos cariocas no papel de Antigona, depois de uma longa ausência. O espetáculo ainda conta com ótimas interpretações de PAULO PADILHA e WANDA LACERDA, Creon e a Ama, respectivamente.

Bárbara no serviço

Yan Michalski

A posse de Bárbara Heliodora no Serviço Nacional de Teatro, a realizar-se nos próximos dias, faz com que esta semana seja, para todos nós, uma semana de festa.

Não ficará bem para nós, que temos a honra de substituí-la nesta coluna, nos alongarmos sobre as raras qualidades de inteligência e de caráter da nossa colega, qualidades essas que nos dão a mais absoluta convicção do acerto da escolha feita pelo Ministro da Educação e Cultura. Antes do que com a pessoa de Bárbara Heliodora, queremos nos solidarizar hoje com a idéia que representa a sua ascensão à Direção do SNT e com as perspectivas animadoras que se abrem, graças a essa nomeação, diante do teatro nacional.

Acreditamos que toda a classe teatral do Brasil é unânime em considerar que as administrações anteriores do SNT não conseguiram fazer pelo nosso teatro o que seria necessário e exigível. Em certos casos por falta de uma visão suficientemente dinâmica e moderna, em certos casos por falta de coragem, em certos casos por falta de independência, seja pessoal seja política. Bárbara Heliodora leva para o SNT além do seu dinamismo pessoal, todo o dinamismo de uma geração teatral ainda jovem que ela representa e cujos esforços têm sido decisivos para o progresso do nosso teatro. Acrescentemos a isso um profundo conhecimento da organização teatral dos países mais adiantados, ponto este que consideramos de enorme utilidade. Ao mesmo tempo, Bárbara Heliodora leva para o SNT uma perfeita noção de independência e de imparcialidade, um completo descomprometimento de qualquer idéia que não seja a do *melhor teatro possível* que deve ser incrementado, estimulado, protegido e popularizado; e ninguém duvidará de que a sua vasta cultura teatral e o seu espírito crítico e analítico constituem elementos suficientes para que ela saiba distinguir qual é este *melhor teatro possível*.

Devemos constatar, no entanto, que as administrações passadas falharam não somente pelas razões que acabamos de apontar, mas também por outros motivos, inteiramente independentes da vontade e da capacidade dos respectivos diretores do SNT: uma estrutura e uma regulamentação administrativa em muitos pontos obsoleta; uma cruel dependência das verbas com as quais nunca se sabe quando e até que ponto se poderá contar; a inércia tradicional do nosso funcionalismo público; e, finalmente, o próprio caráter transitório do cargo, que tem tornado ilusório, em certos casos, qualquer planejamento a longo prazo e de longo alcance.

Todos esses entraves estão de tal maneira enraizados na essência e na existência do SNT que, sinceramente, por mais que confiemos e acreditemos na diretoria recém-nomeada, não podemos deixar de nos sentir preocupados com a pesada quota de sacrifícios que ela terá pela frente. Neste sentido, só nos resta dirigir um apêlo ao Governo Federal, e particularmente ao Ministro da Educação e Cultura, para que forneçam permanentemente a Bárbara Heliodora o apoio e os elementos indispensáveis para que a sua ação possa ser realmente eficiente; e um outro apêlo a toda a classe teatral, para que deu um voto de confiança à Diretora do SNT e para que compreenda que o cargo não foi criado com a finalidade precipua de manipular e distribuir subvenções, mas sim com o objetivo de assistir o teatro nacional e de ajudá-lo a se tornar um alto instrumento de arte, de cultura e — porque não dizer — de educação.

Nada sabemos ainda dos planos de Bárbara Heliodora para o início das suas atividades à frente do SNT; assim que for possível, divulgaremos aqui todos os pormenores dos seus projetos. Por enquanto, só podemos manifestar o orgulho e a satisfação que sentimos ao vermos a redatora titular desta seção assumir o mais alto e honroso posto que a vida teatral brasileira possa oferecer; e afirmar a nossa esperança de que ela saberá provar que o Brasil não precisa necessariamente ser — usando uma definição de autoria de Bárbara Heliodora — “o único país do mundo a possuir um Serviço Nacional de Teatro do Absurdo”.

(Do *Jornal do Brasil*, 27-5-64).

TEATRO

A história do teatro no Brasil, a partir da década de 1940, é a de uma luta verdadeiramente heróica dos que desassistidos, procuram dar ao país a educação viva e palpitante que só se encontra no palco. Não existe no mundo inteiro nenhum grande teatro que não seja assistido e subsidiado pelo Governo: nisto estão de acordo a Alemanha Ocidental e a União Soviética, a França e a Grã-Bretanha, a Itália e a Polônia. Mesmo nos Estados Unidos, onde há pelo teatro uma intensa e benéfica contribuição dos capitalistas que a Broadway apelidou de *anjos*, já se desenham as possibilidades de um Teatro Nacional, como o que recentemente o Governo entregou na Inglaterra a Sir Laurence Olivier e ao crítico Kenneth Tynan.

Por que terão os grandes países do mundo um interesse tão especial pelo teatro? Porque ele — cujo prestígio, contra todas as profecias, não foi abalado nem pelo cinema nem pela televisão — representa o maior repositório vivo da cultura de qualquer povo. Lorde Keynes, o grande economista que orientou seu debilitado país entre os escolhos financeiros do pós-guerra, foi quem, durante a guerra, empregou dinheiro do Governo no teatro; para levar o povo inglês, em luta terrível pela sobrevivência, às fontes da sua grandeza.

Nosso Serviço Nacional de Teatro, do Ministério da Educação, há anos se vem organizando para preencher no Brasil o vácuo governamental em matéria de teatro. Direções anteriores fizeram o esforço possível para, por assim dizer, habituar o Governo ao teatro. Mas continuamos longe de poder criar no Brasil o grande teatro dos países que prezam a sua cultura. A luta precisa prosseguir. O novo diretor do SNT não merece a confiança apenas por ser o crítico teatral deste jornal. Toda a classe reconhece sua devoção ao teatro e sua disposição de trabalhar sem descanso por ele. De inteligência e de coração Bárbara Heliodora é a pessoa capaz de trazer o Governo ao teatro e de levar o teatro ao povo.

(Do *Jornal do Brasil*, abril-64).

LIVROS NOVOS:

Editado pela Livraria Civilização Brasileira, em sua Coleção Universitária de Teatro, acaba de ser publicado **A Preparação do Ator**, de Stanislavski, em tradução de Pontes de Paula Lima.

O Tablado

O TABLADO iniciou o ano remontando um dos seus maiores sucessos: **PLUFT, O FANTASMINHA**, de Maria Clara Machado. A crítica aplaudiu a peça novamente e uma nova geração de crianças aflui todos os fins de semana para assistir ao espetáculo que tem **LÚCIA MARINA ACIOLY** no papel-título, criado anteriormente por **CARMEN SYLVIA MURGEL**.

NAPOLEÃO MONIZ FREIRE, que estreara anos atrás na profissão de cenógrafo com **PLUFT, O FANTASMINHA**, fez um novo cenário, tendo sido aliás, além da autora e diretora, o único elemento que participou das duas produções. Todos os atores da produção anterior foram substituídos por novos integrantes do elenco de **O TABLADO**.

Comemorando a passagem do 4º Centenário de nascimento de **SHAKESPEARE**, **MARIA CLARA MACHADO** prepara atualmente sua próxima produção: **SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO**, numa esplêndida tradução de **MARIA DA SAUDADE CORTESÃO**. Os cenários e figurinos serão feitos por **MARIE-LOUISE NERY** e a estréia está prevista para setembro.